

Conclusão

A mobilidade religiosa, em especial no que toca à evasão silenciosa de crentes católicos, é um tema atual e relevante, que urge análise teológica e pastoral profundas.

Através de um estudo aprofundado sobre a mobilidade religiosa brasileira e a contribuição da fundação de Vicente Pallotti para a Igreja contemporânea, objetivou, este estudo, coadunar dados concretos da realidade pátria às inúmeras possibilidades religiosas abraçadas pelo país.

Embora focado, principalmente, na mobilidade religiosa e na promoção de uma Cultura de Cooperação, esta investigação, apresentada de maneira sistemática, mostrou-se relevante e pertinente, pois trouxe elementos teológicos que são indispensáveis para um pensar e para um agir da teologia contemporânea.

Foi possível perceber, também que, a influência que a temática da mobilidade religiosa suscita na atualidade traz grandes questionamentos à teologia católica e a sua pastoral.

Deste modo, compreendemos que esta pesquisa permanece ainda aberta a novos estudos e, diante desta possibilidade, abre-se a perspectivas mais atuais. Toda a reflexão teológica tem a capacidade de contemplar a totalidade da verdade revelada. Toda a reflexão teológica que venha a surgir está inserida em um determinado contexto histórico e cultural e, em virtude disso, ela sempre procurará fomentar discussões na procura de respostas para os problemas de seu tempo.

Por certo, quando resolvemos propor para esta dissertação um tema pertinente como a mobilidade religiosa e a promoção de uma cultura de cooperação, sabíamos da complexidade que o envolve. Isto ocorre em primeiro lugar pela complexidade do campo religioso brasileiro e em segundo lugar pela forte dicotomia existente entre clero e leigos. A complexidade do tema, não foi motivo de esmorecimento, mas de coragem para contribuir para a reflexão teológica sobre esta realidade contemporânea.

O motivo que levou-nos a escolha da pesquisa do CERIS/2004 como nosso *Sit in Leben*, está no fato dela questionar a prática pastoral tradicional da Igreja e as

compreensões que, até então, se têm a respeito do carisma, visando uma contribuição através do carisma palotino de promover uma cultura de cooperação. A minuciosa tabulação dos resultados revelou quadros surpreendentes, que interessam a teólogos, sociólogos, antropólogos e pastoralistas.

A Cultura de Cooperação quer contribuir para o pensamento da Igreja, que neste novo milênio tem a santa ambição de se tornar a “casa e escola de comunhão”, usando as palavras de João Paulo II no documento “*Novo millennio ineunte*” (n 50). A pertinência da mensagem palotina consiste primeiramente em chamar a atenção para a urgência de fazer desaparecer, neste novo milênio, a dicotomia estrutural nela contida e convocar os leigos para o seu protagonismo *ad intra ecclesiae*.

A cooperação pode ser uma nova “imaginação da caridade”, novamente parafraseando João Paulo II em “*Novo millennio ineunte*” (n 50), vivida na e para a Igreja. Isto está correto quando Vicente Pallotti chama todos os membros da Igreja a sustentar a cooperação, fala das “invenções” e das “empresas amorosas de Deus”¹. Neste contexto, a “imaginação da caridade” significava abertura e criatividade. Pelas suas iniciativas inovadoras, Pallotti desejava alargar o espaço da Igreja, ultrapassar as fronteiras e arriscar “algo a mais”.

Hoje, muitos fatores internos e externos (a diminuição das vocações sacerdotais, a mobilidade religiosa e o fenômeno da globalização, por exemplo), incitam a Igreja a coordenar seus esforços no campo da evangelização, da formação para esta cooperação. Nesses fatores podemos descobrir o convite do Espírito Santo a uma cooperação sempre mais intensa. Faz-se necessário abrir-se esperança para o futuro: somos chamados a “trabalhar juntos”.

A cooperação, nos termos que compreende o carisma palotino, propõe a simultaneidade do caráter *ad extra* e do *ad intra* da Igreja. É uma novidade que apresenta a cooperação como elemento hermenêutico de toda a teologia. É o todo da reflexão teológica, da práxis sob um novo enfoque: a cooperação. Portanto, fundamentar e refletir a cooperação na teologia de Vicente Pallotti é, com certeza, encontrar-se com ela. Falar de cooperação na sua teologia é falar de uma eclesiologia do Vaticano II levado a termo.

¹ Cf. OO CC XI, 259.

Confirmamos então que, a cooperação é uma temática trabalhada nesta dissertação de uma maneira a ser provocativa. Entendemos assim – provocativa - porque quer ser um questionar a toda a Igreja sobre a forma de se refletir a eclesiologia e a sua pastoral. A cooperação não se encerra em utopias e ideologias, mas destina-se a prática, em vista a realidade da mobilidade religiosa brasileira.

A realidade religiosa no Brasil é complexa. Não existe uma homogeneidade de crença. No próprio catolicismo, a religião predominante, subsistem vários “catolicismos”. No protestantismo, a cada dia vemos surgir novas denominações de cunho predominantemente (neo) pentecostal.

A tendência individualista alastrou-se, também no campo religioso, favorecendo o indivíduo a construir a sua própria identidade, podendo assumir sem nenhuma restrição a sua condição de sem religião.

A apresentação inicial do estudo CERIS/2004, acrescido de algumas contribuições das pesquisas relativas ao mesmo assunto, se fez necessária para uma melhor contextualização do tema proposto. Para tanto, foram elencados dados referentes à pesquisa, como: distribuição da população por religião, tempo que está na religião, classes de idade segundo mudança de religião, a circularidade de fiéis, a desinstitucionalização religiosa, o crescimento dos evangélicos pentecostais, a mobilidade subjetiva, as motivações do crescimento dos sem religião e a complexidade do campo religioso católico.

Em um primeiro momento, esta análise demonstra um povo religioso, mas, posteriormente, esta religiosidade nos questiona: que tipo de religiosidade tem o brasileiro? A resposta vem da própria pesquisa: uma religiosidade sincrética, em trânsito, sob os signos da mobilidade religiosa.

Acostumamo-nos a ver a sociedade brasileira dotada de imensa variedade de práticas e denominações religiosas. Compreendemos este país como um *locus* de múltiplas possibilidades e de escolhas variadas por parte do fiel, mas também um “prato cheio” para os estudiosos. Muitas vezes atribuída pelo senso comum à formação pluri-étnica da nossa sociedade e à nossa cordialidade, essa convivência com diferentes religiões, salvo exceções, sempre foi vista como um aspecto positivo

da capacidade brasileira de colocar em um mesmo caldeirão os mais díspares ingredientes.

Diante do leque religioso ampliado aos leigos, estes procuram, sempre, a religião que melhor lhes acolhe e lhes permite figurar como sujeitos ativos e participantes.

O carisma palotino, amparado pela Cultura da Cooperação, propõe medidas de participação ativa da comunidade como um todo na vida eclesial, reconhecendo os leigos como parte do corpo da Igreja e resgatando o laicato emigrante através da viabilização de seu engajamento no corpo da Igreja. Urge, à hierarquia da Igreja, observar esta necessidade de abertura *ad intra* à participação leiga, a qual demonstra ser reavivadora da fé católica na sociedade brasileira.